



## SCHIOCCHET Michele Louise. **Site-funcionalidade e cartografias do cotidiano.**

Florianópolis: UDESC; Doutorado; André Carreira

A proposta deste artigo é pensar a composição de performances a partir da cartografia de espaços cotidianos partindo da relação do habitante com a cidade e seus fluxos. A partir de teorias que sugerem a desestabilização de espaços enquanto lugares concretos e estáticos, buscaremos estruturas que visam articular-se em níveis espaciais. James Meyer propõem o termo site-functional para tratar de obras que existem em uma dimensão não literal, mas como uma função entre sites. Este tipo de estruturação em fluxos ecoa a teoria de Castells sobre as sociedades em redes que teria seus espaços organizados em fluxos, tecendo relações em um gigante hipertexto controlado pelo capitalismo. A hipertextualidade é sugerida como forma possível de estruturação destes espaços inter relacionando-se com as dinâmicas da sociedade.

### **Site-specific, performance, cartografia**

The aim of this paper is reflecting upon the process of composition of performances, based on the idea of cartography of everyday life spaces. The focus is on the relationship of citizens with cities, following theories that suggest the destabilization of the notion of spaces as static and concrete, trying to look for ways of articulate with levels of spaciality. James Meyer suggest the term site-functional in order to distinguish from the literal spaces, being a function between sites. The structures in fluxes, can reverberate Castells theories of spaces of the flows and the network society, where symbols are connected in a global hypertext coordinated by the capitalism. The hypertext is used as possible structure creating surfaces of contact where art can dialogue with society.

### **site-specific, performance, cartography**

Para Perec o espaço é composto e sua percepção fragmentada (Perec 1974: 12). Para Soja a contemporaneidade é caracterizada pela consciência de sermos seres espaciais, comprometidos com a atividade coletiva de produzir lugares e espaços (Soja 2000: 34). Para Lefebvre e Certeau, estaria na apropriação dos espaços através das práticas cotidianas o poder do cidadão de readquirir o 'direito à cidade'. Certeau defende que o espaço é constituído por interações humanas, sendo percebidos através de seu uso e conexões com outros espaços. Assim os espaços subjetivos e simbólicos da cidade seriam de fundamental importância na articulação de estruturas sociais; o que se faz visível quando Soja afirma que a origem das cidades se deu pela concentração de formas simbólicas de autoridade organizadas por processos de supervisão e adesão, onde o cidadão é convertido à cultura e ideologia da polis (Soja 2000: 91-95).

Para Castells 'espacialidades são produzidas por humanos, expressando interesses de uma classe dominante de acordo com um modelo específico de desenvolvimento' (Castells in Soja 2000: 4). Elas expressam e praticam a relação entre o poder do estado e a sociedade definida historicamente. Para Storper, 'a interpretação de realidades construídas é tão importante quanto qualquer realidade material "real", devido ao fato de que estas imagens são difundidas e aceitas, servindo de base para ações humanas: tornar real' (Storper in Soja 2000: 29).

Relacionada com o desenvolver do capitalismo industrial e informacional está a ideia de fluxos. Segundo Soja e Castells devido a lógicas de produção e consumo (Soja 2000: 162) e à revolução tecnológica, os centros urbanos mudaram de configuração; as cidades industriais dissolveram suas fronteiras acentuando a comunicação entre local e 'global' e

a percepção subjetiva do espaço. Castells introduz a ideia de espaços de fluxos onde as dinâmicas de geração de informação conectam diferentes espacialidades, superando o sentido de espaços como lugares.

De acordo com Castells este novo paradigma teria a informação como base, sendo o processamento desta, parte de todos os domínios de nosso sistema eco-social, transformando-o. Devido ao fato de que pela primeira vez na história o sistema capitalista modela todas as relações sociais do planeta, a sociedade de redes passa a ser um sistema global estruturada em fluxos financeiros, sendo capaz de reconfigurar-se constantemente sem destruir sua organização, pois este sistema é altamente integrado pelo desenvolvimento de tecnologias específicas. A formação de uma grande mídia e uma nova mídia estruturadas em rede e em interação com a cultura e o comportamento social levaram ao surgimento da cultura da virtualidade real. Segundo Castells esta rede englobaria todas as manifestações em um hipertexto histórico gigantesco, construindo um novo ambiente simbólico (Castells 2000: 394).

Para Manuel de Castells a cidade global não é um lugar, mas um processo que conecta centros produtivos e de consumo em uma rede global caracterizada pela descontinuidades geográfica, sendo esta espacialidade organizada em fluxos de informação que conectam e apartam localidades 'dependendo dos ciclos das empresas – seus componentes territoriais' (Castells 2000: 419). Os lugares segundo Castells não desaparecem, mas sua lógica e seu significado são absorvidos pela rede, que padroniza os códigos.

Com o surgimento da performance e do *site-specific* em meados da década de 60 inicia-se a questionar o espaço institucional e a ser incorporado um aspecto relacional à produção artística, mudando o foco do produto artístico para o processo artístico. As fronteiras entre corpo, espaço, objetos e discursos são desestabilizadas e campos artísticos cruzam-se criando linguagens em constante mutação, chegando ao ponto de algumas obras não terem materialidade nenhuma nem ocuparem um espaço físico, encadeando-se em sistemas onde a sua incidência e relevância enquanto discurso supera a necessidade de um formalismo técnico dentro de alguma linguagem específica. O conceito de arte site-funcional de James Meyer, parece tratar desta questão;

“[O site funcional] é um processo, uma operação que ocorre entre sites, um mapeamento de filiações discursivas e corpos que se movem por entre os mesmos (o do artista acima de tudo). É um site informacional, um locus de sobreposição de texto, fotografias, gravações em vídeo, espaços físicos e coisas. . . . É algo temporário; um movimento; uma cadeia de significados de um foco particular” o que vale dizer, o site é hoje estruturado intertextualmente mais do que espacialmente, e seu modelo não é um mapa, mas um itinerário, uma sequência fragmentada de eventos e ações através dos espaços, isto é, uma narrativa nômade onde o percurso é articulado pela passagem do artista. Correspondendo ao modelo de movimento nos espaços eletrônicos da Internet e ciberespaço, os quais são igualmente estruturados como experiências transitivas, uma coisa após a outra, e não em sincronia simultaneidade, esta transformação do site textualiza espaços e espacializa discursos (KWON 2002: 29)

Em consonância com a colocação de McLuhan quando afirma que as mídias são extensões corporais, podemos notar diversas influências dos avanços científicos e tecnológicos no processo de estruturação de discursos em performance. Artistas como Orlan ou Sterlac utilizaram-se de mutações corporais para desenvolver um discurso artístico, redimensionando com isso, as fronteiras entre corpo, espaço e obra. Valie Export em *Ein perfektes paar* explora a objetificação do corpo num contexto social, subordinando-o à uma lógica mercadológica. Outros ainda potencializam a ação de seus corpos no tempo e no espaço através da presença mediada, de robots, de projeções interativas e ambientes de realidade aumentada.

A dimensão relacional das obras neste caso parece ser mais importante que a técnica empregada, recursos, mídia ou espacialidade. Algumas obras hoje se articulam dentro de estruturas cotidianas, questionando-as, como por exemplo em *Status Project* de Heath Bunting, *Cruz vs Tridente* de Alexandre Vogler ou *Environment Health Clinic* de Natalie Jeremijenko.

Se esta sociedade de redes suprime individualidades e subjuga suas partes a uma resinificação de valores no contexto da rede, como poderia a performance hoje, mover-se por entre os fluxos destas espacialidades? De que maneira ela poderia reivindicar um espaço para o cidadão em uma cidade de espaços abstraídos? Como se estruturariam as performance em vista da fragmentação da unidade espaçotemporal? Como a performance pode desestabilizar mesmo que momentaneamente o hipertexto global descrito por Castells, criando uma fenda onde a ocupação do espaço e as relações sociais podem ser questionadas?

Alguns procedimentos empregados na estruturação dos sistemas de comunicação e regulamentação de espaços podem informar processos compositivos em performance como a hipertextualidade, a imersão, a interatividade e a estruturação de cartografias, corpografias ou arqueologias pessoais possibilitando uma maior inter-relação entre obra e contexto.

À medida em que incorporamos meio simultâneos de comunicação que fragmentam a linguagem gerando fluxos em redes, podemos possivelmente afirmar que a influência destes sistemas transforma a cotidianidade mesmo quando não estamos usando diretamente um meio tecnológico. Desta forma, as mudanças na maneira de perceber e ocupar espaços, acaba por gerar também novas formas de estruturar narrativas e trabalhos artísticos pois existe, segundo de Castells, uma relação direta entre a produção simbólica e a construção de realidades, a começar pela linguagem. Partindo destas considerações propõem-se pensar a hipertextualidade enquanto possível forma de estruturação de dramaturgias, vindo a articular-se dentro de um sistema de relações entre vozes, espacialidades e temporalidades, gerando uma escrita polifônica.

A hipertextualidade possibilita que a dimensão espaço temporal de uma obra seja expandida, encadeando uma série de processos que fragmentam a percepção e recepção do trabalho, incluindo o aspecto participativo como parte da completude da obra, ou seja; não existindo em uma unidade espaço temporal específica a obra se constrói na relação do interator com a proposta.

Ações sociais, serviços públicos e cirurgias plásticas hoje podem ser formas de arte, o que parece comprovar o fato de que muitas destas obras não se caracterizam por uma técnica ou linguagem mas se definem pela relação entre o discurso artístico e o contexto onde se inserem. Deste modo o que é aceito como performance passa a oscilar entre diversos campos.

Afirma-se por vezes que o performer não precisa de uma preparação ou treinamento, sendo a própria performance o momento onde o artista se exercita. Em discordância com tal afirmação, acredito que a preparação do performer possa se tratar de um constante olhar crítico ao universo circundante e uma necessidade de desenvolver uma capacidade de resposta (estruturada como discurso artístico) ao fato de habitar e de se relacionar com os espaços e fatos cotidianos.

O que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade, que ele se propõe fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho. O que ele quer é se colocar, sempre que possível, na adjacência das mutações das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito e ilimitado do processo de produção da realidade que é o desejo. Para que isso seja possível, ele se utiliza de um “composto híbrido”, feito do seu olho, é claro, mas também, e simultaneamente, de seu corpo vibrátil, pois o que quer é aprender o movimento que surge da

tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estacando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido. É que o cartógrafo sabe que não tem jeito: esse desafio permanente é o próprio motor de criação de sentido (ROLNIK 1989: 2-3).

Termos como cartografias, mapping, perfografia, ou arqueologias pessoais sugerem processos de trabalho que se articulam justamente da relação do artista com o contexto com o qual este dialoga. Para Rolnik a cartografia é um desenho que se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem.

'Para os geógrafos, a cartografia-diferentemente do mapa, representação de um todo estático- é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem.

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias (ROLNIK 1989: 1)

A hipertextualidade, a imersão e a interatividade podem ser ferramentas úteis para pensar processos de composição dentro do campo da performance, compondo trajetórias ou cartografias que orientem a composição a partir da articulação das relações entre corpo, objeto, espaço e tempo, dialogando com diversos âmbitos da sociedade em um processo de constante mutua redefinição.

## **Bibliografia**

AUSLANDER, P. (1989) Going with the Flow: Performance Art and Mass: TDR (1988-), Vol. 33, No. 2 pp. 119-136 Published by: The MIT Press Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1145929>

CASTELLS, M. (2001) La cultura de la virtualidad real: La integración de la comunicación electrónica, el fin de la audiencia de masas y el desarrollo de las redes interactivas Volumen 1 La sociedad red, Alianza editorial . Madrid

\_\_\_\_\_ (2000) A sociedade em rede, Tradução: Roneide Venâncio Majer. Título Original: The rise of the Network Society, 1997. São Paulo: Paz e Terra

DE CERTEAU, M.(1984) The Practice of Everyday Life, University of California Press: Berkeley

JOHNSTON, S. (eds.) (2008). The everyday, documents of contemporary art, London, Whitechapel.

KWON, M. One Place After Another. Site-specific art and locational identity. London: The MIT Press, 2002.

MEYER, J., (2000) "The Functional Site; or, The Transformation of Site Specificity," em Space, Site, Intervention: Situating Installation Art, ed. Erika Suderberg, Minneapolis: University of Minnesota Press, 23-37.

PEREC, G (1974) Especies de Espacio, (trans: Camarero, J) 2nd ed 2001. Ed: Literature y Ciencia, S.L, Barcelona

SOJA, Edward (2000) Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions. Oxford: Basil Blackwell, 2000.

STILES, K E SELTZ, P. (1996) Theories and Documents of contemporary art, a source book of Artists' Writings. University of California press, Berkley and Los Angeles, California. p.680 / nota 1, p. 906.